

Pão Nosso...

Porto, 6 de Julho de 1910.

N.º 12

SUMARIO:

- I.—O ULTIMO PINTAINHO DO SOCIALISMO.
- II.—LIRIO FANADO.
- III.—A FEIRA DE ROMA.
- IV.—UM MAGNATE DO «BLÓCO.»

O ultimo pintainho do socialismo

Semente de idilios, castanhas que nascem. — Agostinho Fortes, pintor democratico da monarchia. — Um cronometro que anda para traz. — Nem ladram, nem mordem.

Na minha infancia, estirado de bôcco sobre o restolho dos centeios, uma novela d'aventuras maritimas escancarada nos torrões, bebia sequiosamente os apertos dramaticos ou as alegres voltas do romance. Todo eu me resicava na paixão de singrar mares em fóra, rumando contra as ilhas ignotas d'esmeralda e de rubim, cegas d'arvoredo, encabeladas de verdura, que dormiam na concha longiqua das ondas...

Porém, atravez da canastrada de volumes devorados, um episodio se repetia, monotono no urdume, variado no dialogo, e que sempre me provocava galhofeiras cascalhadas de riso.

Por noite morta, a maruja de quarto enganava o aborreci-

mento, referindo aos matalotes noviços as travessias fabulosas de terras encantadas. Assim, um marinheiro curtido aos ventos e ás soalheiras, ensinava á roda dos pagens:

— «Certo dia cortavamos por um lago tão espesso e pegajoso que só podíamos navegar com a cabeça debaixo d'agua.»

— «E como respiravam? — pergunta d'olhar despartido um dos ouvintes.»

— «Ora essa! Tomavamos ar pela braguilha das calças.»

Cadencia rôta no auditorio que de pasmo não recobrava os sentidos!

E o velho de proseguir:

— «Tão humido de abundancia o sólo era, que o nosso capitão semeou um simples botão de colete. No dia seguinte tinha nascido um fato inteiro.»

Já o sol quebrava para além dos cabeços dos montes, o chirrear das corujas descia da copa dos castinheiros, e ainda as minhas risadas batiam o ar, na lembrança risonha da fecundidade das leivas onde a sementeira dum caroço de chifre germinava uma fatiota completa.

*

* *

Quem diria, quem me diria que esse nateiro fertil viria a ser este nosso terrunho em que dos canários se fazem avestruzes, e de rans assopradas — descompassados elefantes!

Semeia-se um lente que em seus calhamaços oleosos propaga as teorias republicanas, e nasce um ministro da monarchia! E' o caso do sr. Marnôco e Souza que, afinal, como almirante tambem terá de navegar de cabeça para baixo, respirando pela fralda da béca professoral!

Semeia-se um vereador republicano, que sem relevancias de merito já fez parte do directorio do partido, e nasce um sebastianista á cata da madrugada nevoenta em que a dinastia brigantina fruteará em transhumanas reformas! E' o caso do sr. Agostinho Fortes, escritor de baça mediania, empavonado de engeridas sabenças historicas.

Se bem me einjo ao razoamento deste Lasalle dosimetrico (pois não alcancei ler o texto das suas declarações, e hei-me de ater ás sumulas telegraficas das gazetas do Porto) o sr. Agostinho Fortes pretende:— Fundar um novo partido socialista; combater doutrinariamente a monarquia; *não lhe erguer obstaculos se ella entrar no caminho das grandes reformas*; recusar alianças com os demais partidos que disputem o poder, dentro da monarquia ou dentro da republica.

A discussão doutrinaria, teoretica, ou metafisica, da monarquia, é um guisalhar de soalhas de pandeireta que só entupe as orelhas de quem a toca. Esse embate de conceitos abstratos jogou-se... annos e annos ha que lá vão!

Cavaram taes argumentos os plainos da Europa inteira desde a grande Revolução, que em parte os bebeu da Inglaterra cromwelliana. Entre nós incumbiu a tarefa principalmente aos republicanos historicos, poucos dos quaes hoje são vivos. De maneira que o relógio do sr. Agostinho Fortes, não só retarda uns lustros, como o tempo marca ás avessas.

A bisarra personagem do humorista americano Mark-Twain lhe tocou azar identico. Nasceu velho, centenario quasi. E teve de desfazer a idade, caminhando ao arrecuo dos tempos, por fórma que no cabo da vida era apenas recém-nascido, estercando nos cueiros, e em vez de lhe pespegarem com a extrema-unção, tiveram de lhe ministrar o batismo e acudirem com ama de seios pojados, para que o moribundo mamasse. Com audacia tal de batalhador, o socialismo do sr. Agostinho Fortes acaba por pedir teta.

Ha exemplos. O socialista sr. Fuschini calhou em ministro da corôa, mesmo antes de roçar pela meninice.

*

* *

E que vem a ser um combate doutrinario? Amassar empadões cangando citas; encruar ditos d'outrem, amarlotando-os em canhamaço, e remeter depois o creanço á monarquia que ao re-

parar no envio, tapa o nariz, arredando-se e exclamando : — Safa ! que fedor a ranço !

E' um socialismo inofensivo sem innocencia, que merecia ao dr. Auer, insigne mestre e larga capacidade do socialismo alemão, no congresso internacional de 1900, em Paris, a seguinte reprimenda :

— *Non ! Loubet et pas de César.* Que em vulgar diz : — « Não ! Antes um presidente de republica que um imperador. »

Quem são os que, na emergência presente, aguardam da monarquia as grandes reformas ? Apenas aquelles que nellas fingem crêr, porque da monarquia, pela monarquia e para a monarquia vivem.

Se perguntarmos a um desses socialistas que se declaram insatisfeitos com os actos e objetivo do partido republicano-português, em que conta teem as liberdades politicas e juridicas comparando-as ás conquistas economicas, trautearão o surradinho modilho : — « As liberdades politicas, cantarejos de politicos são. Ninharias de burguezes. Só altas e profundas, — as economicas ! O pão do corpo, senhores ! . . . A questão social é uma questão de ventre. »

E estes collossos do pensamento e da ação, que nem sonham obter o minimo (*liberdades politicas*) requerem o maximo. Pensa-lhes uma gata pelo sim-senhor, e arredondam as bochechas entumescem as veias, atroando os ceqs que vão, como os titans, esfuracar com o dedo o trono Jupiter, para ver se tem ovo !

Em Portugal onde, ao cabo de prolongadas guerras civis, de tentativas revolucionarias republicanas, de partidos pulverizados e dum regicidio, não se conseguiu uma côdea lambida da monarquia democratica, nem parlamentar, nem sequer liberal, rompe agora a gente do sr. Fortes a empinar o arcaboço do socialismo dinastico !

São quatro gatos e não cabem no mundo !

*

*

*

«Na minha opinião, a mudança d'instituições, resultante dum movimento violento, representa apenas uma simples mutação de taboleta.»

Assim fallou Zarathrusta, ou Agostinho assim desemburrou. Traduzamos aquella emproada aravia.

Se eu quizer desfazer uma pedreira a dinamite, os rochedos, ao esfarelarem-se, não mudam de taboleta. Ninguem lhes pode chamar cascalho, lascas, ou cisco. E' calhau, calhau duro por todos os seculos dos seculos, *amen*.

Mas se eu arrebentar a pedreira com oleo d'amendoa dôce logo muda de taboleta. Chama-se-lhe... pomada!

Agostinho Fortes adora as revoluções, empolhadas em chocadeira doutrinaria, creadas no algodão em rama, rematando em beijos molhados do cio filosofico, e em canticos de poetas misoginos. Não saboreia as comidas fortes, e desadora a veterinaria antiga do sal e vinagre nas mataduras.

Agostinho Fortes não se importa com o que as revoluções derrubam, nem com o momento historico-social em que ellas arrastam, galgando montanhas e abarbandando vales, heroes e escumalha, santos e criminosos, martires e assassinos, pensadores e patetas, homens e lacaios.

Para Agostinho, o que interessa, é a maneira. Pertence á raça dos revoltosos e insubmissos que só temem que um sóco lhes amolgue o chapeo. Recebem um chorrilho de bofetadas e uma data de pontapés na sua dignidade civica, e em vez de se rebelarem, desbocam-se em carreira atropelante para o seu gabinete, a deitar nas nodoas a arnica dos preceitos livrescos.

Ora a mudança d'instituições, não é substituição d'etiqueta, é a abertura para subsequentes e largas transformações sociaes. Destruir a monarchia não é arruinar uma formula, mas sim arredar um sistema.

A republica é um meio, apenas um meio, um simples instrumento, para se poder caminhar. Dentro da republica cabem todas as reformas sociaes. Ninguem se admiraria, se no seculo que corre, a republica social fosse um facto na França.

Todos nós compreenderiamos um Agostinho Fortes, sindi-

calista, ou anarquista. Ninguém o intende com o seu socialismo manuelino, aspiração que folga dentro da gran-cruz de Santiago, ou duma chapelada eleitoral em que os caciques monarchicos descarreguem os votos na lista dos agostinhaceos.

No fim dos fins, o caso não vale tanta prosa. Se Agostinho Fortes incomodasse o poder, podavam-lhe logo os voadoiros. Despachavam-no administrador de concelho. E mais uma vez se exemplificava a fertilidade da terra. Semeava-se um filosofo — nascia um regedor.

Lirio fanado

Um apologo de florista barata. — Salomão, grilos, rouxinoes, e outros bicharocos falantes. — Campos Henriques caçando vento com rêdes.

O apologo que em seguimento se traslada, deve pertencer a Salomão, rei de muita e sumarenta sabedoria, melhor mesa e optima cama.

*

* *

A meia encosta dum cerro, aberto contra o meio-dia, poisava um horto de verduras a que as sebes de madresilva teciam luzido gorjal de flôres. E na clareira de mais sol que o jardim fendia, alçava o fuste elegante, o lirio mais formoso que olhos namorados viram.

Alvo, alvo como a pedra alveira do moinho, como a polpa macia do nabo, como os alvos braços de branca e sardenta moçoila. Na haste esbelta, a corola, beijo de neve e luar, encurvava-se gracilmente sobre o tronco, tal se andasse ao rebusco dum espelho para narcisar-se.

Sorvia o sol todo o suco da terra, resicando a propria

grama daninha, mas ao vingar a manhã e ao partir-se o dia, o dono do horto, bojudo regador em punho, com chorros d'agua empapava o canteiro em que frondejava o lirio.

Das quatro quinas do oiteiro desabelhavam røndões d'insectos, para verem o lirio famoso, um és-não-és pendente de graça como as formosas que o colo torcem, ou para sugar uma gota d'agua que o borrifador do patrão lhes houvera abandonado no calice. A's maltas voejavam os zangãos vadios, as abelhas proletarias, as vespas de bravia inutilidade, e pintalgados bandos de borboletas, e filas negras de formigas como padres em procissão, e miuçalha de bicharia, até ronceiros caracoes que a novidade recolheram dum rebanho de pulgões de roseira.

Orgulhava-se o lirio, firmado no esguio caule, revendo-se nos seus primores e donaires, nas betas de luz, na alvinitencia das petalas. E na metade da hora do dia, um grilo travesso que rasgara a tóca entre as suas raizes, ali ruflava as azas, elevando ao alto sua canção gaiata como vinho palradador, dizendo louva-minhas com ritornelos d'escarneo.

— Bem se vê que sou rei dos prados!—pensava o lirio.

Só pelo fresco da noite, das franças dum limoeiro chorava um rouxinol: — «Toda a ilusão é uma dôr futura, como toda a dôr uma ilusão que nos faz sofrer! Orgulhos são coisas vans, vans como as azas dos grilos que cantam e não voam.»

E na ourela do vale, num aquaçal de magras veias, as rans malignas desdenhavam:—

«Coách... coách-coách... O lirio é um parvo, quasi tão parvo como o sapo. Porque lhe regam a camisa branca, ganha importancia. Ora adeus! Nós trazemos fraque verde como os estetas simbolistas, e nem por isso nos empanturramos de soberbia. O lirio é um asno! Coách... coách-coách...»

Invejas! resmungava o lirio.

*

* * *

Chegou a canicula. De canto a canto o ceu era uma braza

viva. Ao entardecer, o suão assoprava áscuas de forja. Queimava o chão, e já o santo das fogueiras e luminarias capara o grilo.

Uma bela manhã o dono não acudiu de regador em punho. Da cancela do quintal regougou:—«Aborrece-me aquelle estupor! Sempre de cabeça á banda...»

Ao escuro, o lirio teve fome e sêde. Apeteceu-lhe morar nas abas do lameiro onde as rans solfejavam motetes d'ironia.

Quando a aurora riscou os fogachos de luz e calor, estava o lirio dobrado a meio, a tige mole como um tentaculo de polvo, a alvura da tunica puxando ao amarelo-bósta, o calice entorpecido de secura.

«Foje! que mete nojo!» — zumbiram abelhas e zangãos, largando em vôo doido.

«Olha o espantalho! — indignaram-se as libelulas.

Té que o caracol ancião recomendou ao companheiro novato:—«Cuidado! Não vá esse trapo sujar-nos a baba.»

Mais pendente, mais acurvado, o lirio que não via chegar o seu patrão, lastimava-se:

«Só quem nunca foi cão e nunca perdeu o dono, é que não pode imaginar a minha dôr...»

*

* *

E eis a historia triste que o rei Salomão, imperante de afamada memoria, contava aos Campos-Henriques quando os despedia do serviço.

Claro que os apologos nunca valeram um berimbau. Servem somente de diversão aos que os escrevem. Mas o sr. Campos Henriques, peregrinando Minho e Douro atraz do seu partido, só tem comparações com o lendario cavaleiro que perdeu a propria sombra e corre empoz as sombras alheias. Os amigos pessoaes são raros, e os amigos politicos — enguias que acodem á isca.

Ora o sr. Campos Henriques, que não sabe falar, que não sabe escrever, que é uma das mais pécas mediocridades politi-

cantes, nascido e criado para mórão de candieiro, com que qualidades queria segurar os seus fieis, desde que no seu templo se acham as arcas vasias?

Que, emfim, se a debandada o irrita, a nós nos entristece. Quando me defronto com um miguelista aferrado a um crêdo impossivel, desbarreto-me em frente duma reliquia a que a bro-ma não carcomeu as convicções.

Admiro os dois trapistas lunaticos que comungam no idealismo do sr. Julio de Vilhena, um profeta morto que crê na res-surreição. Ganharam consideração os homens, que apesar de todas as negaças, nunca se arredaram do sr. Alpoim. Amigos dos tempos fortunosos, na ressaca da desventura caldearam a sua fé.

Mas esses que, mal vêem o comedeiro sem alpista, bus-
eam nova cevadeira, são dignos do sr. Campos Henriques, que
atrás delles em calão choraminga:— O' simpaticos! Esperem.
Qualquer dia chega-me outra mesada da Corôa, que é uma ex-
celente marafona, e então estoira-se a massa na berzunda!

A feira de Roma

Capitulo de sustancia religiosa.

Veem os periodicos francêses abarrotados de informações acerca duma extensa *escroquerie* ao divino, organisada sob a rotulo de *Braço Economico da Igreja*, em que um antigo forçado, Dupray de la Maherie, devorou, de parceria na masti-gadeira com bispos e padres, milhões sobre milhões. Era oiro para obras pias fantasiosas, oiro para imaginarias basilicas, oiro para Roma, o grande abismo dos cobres catolicos. Porque não mandará o nosso José Luciano buscar este Monsieur Dupray de la Maherie para o substituir no Credito Predial?

Na capela da casa em que o ex-galeriano morava, inexti-mavel relicario prendia as fidalgas dos bairros aristocraticos,

que á vista da preciosidade esgarçavam as sacas, esvasiando-lhes o rocheio das moedas. Nem mais nem menos que um anel dos cabelos de Cristo!

Que muito, se em sete santuarios, conforme o dicionario de Moreri ensina, se veneram os retalhos da circumcisão do Menino-Deus! São elles a basilica de Latrão (Roma), as cathedraes de Metz e do Puy, as abadias de Charroux e de Coulombs, a collegiada d'Antuerpia, e a igreja de Hildesheim na Saxonia. Residuos autenticos, pelo menos em numero de cinco, com bulas pontificias e certidões afixando-lhes a procedencia!

O peor é que este escandalo de mostruario provocou temerosas controversias, cartimpacios latinos de teologos esmerilhadores cujos textos não poderiamos estampar em vernaculo, porque nos sobreviria a inevitavel querela por ofensas á decencia e á moral publica.

Basta concluir na companhia do jesuita Suarez que á sociedade o prova «possuir agora Nosso Senhor nos ceos, o objeto em litigio.»

*

* *

Em Paris se venera a corôa d'espinhos, mas despida das puas dolorosas que Topsius e Teodorico Raposo lhe descobriram nos pedregaes da Terra-Santa. Consiste numa singela charpa enrolada de palha ou feno seco. E contudo apurou o archeologo Mély que, dispersos por templos da cristandade, encastrados em relicarios de custoso labor, existe obra de cento e setenta cinco espinhos, que da citada corôa proveem. Mas se nem o feno nem a palha abrolham em estrepes, como se explica a origem? Ha quem o saiba, que para taes misterios se inventou a sciencia!

A cana verde que apoz a flagelação serviu de scetro a Cristo, vê-se inteirinha, em Florença, Constantinopla, Audechs, Woloped (Monte-Tabôr), Soissons, Corbeil, e na Sainte-Chapelle em Paris.

O santo sudario... ora, ora, e não ia eu transformar o panfleto em catalogo de mercador de reliquias, e referir a coorte de justos e santas que deixaram neste vale de lagrimas dois

craneos cada um, braços em quadruplicado, dezenas de femurs, ou como aquella Santa Justa, virgem e martir, de quem se conhece a bagatela de trinta corpos inteiriços, mais tres cabeças de sobresalente ?

*

* *

Do *Braço Economico da Igreja* para Roma seguiam cardumes de milhares de francos. Tudo ali se paga, tudo ali se vende na côrte papal.

A Igreja não admite o divorcio. Defende e prescreve o casamento indissolúvel. Mas em Roma pratica-se o divorcio clandestino, sob o titulo de anulação. Vinte casos de nulidade primarios, o dobro de suplementares, ou fartura de nulidades de forma. Haja dinheiro, e o vinculo matrimonial quebrado se declara.

Quem ambicionar um santo na familia, Roma canonisa-lho. Honra cara, pois a tarifa de Bento XIV regula as despesas da canonisação em soma superior a cincoenta contos da nossa moeda.

Paga-se ao advogado do diabo, paga-se aos prelados da congregação, pagam-se os medicos encarregados de verificar os milagres (que soberbo verificador dava o dr. Candido de Pinho) pagam-se ofertas aos eminentissimos cardeaes, pagam-se as bulas, e paga-se a parvoicada de meter nomes no calendario.

E' materia corrente o trafico das missas. E ainda ha pouco, um padre instruido e sabedor me calculava em dezenas de contos de reis as quantias assim annualmente exportadas para fóra do paiz, por intermedio das ordens e congregações religiosas. Um devoto, por exemplo, deixa no seu testamento 200 missas por sua alma, á rasão de dez tostões o latim.

O clerigo que abiscoita o encargo, transmite-o em todo ou em parte a outro de menos sorte, mas abate-lhe no preço 30, 40, ou 50 0/0, embolsando a corretagem. Vive em Roma uma malta de presbiteros pobretões, alcunhados *cagnosi* que por felizes se

dão quando topam confrade que a trôco duma lira, dois nikeis diria um pedinte nosso, os encarrega de ronronar a missa.

A um predecessor de Pio X foi perguntado por um sceptico discreto, como acolheria Jesus Cristo se acaso lhe aprouvesse baixar ao mundo e bater á pousada do Vaticano, em visita ao seu vigario na terra.

—Vossa Santidade não ficaria sobremaneira embaraçado?

—Mesmo nada!— replicou o pontifice—mandava-o crucificar; ha um precedente!

Um magnate do "blóco,,

Assombrosa coalisão europeia. — Julio de Vilhena, humorista inedito. — Passos do seu genio folgazão. — Confissões em castelhano. — A promessa de Teixeira de Souza.

Não se pisam duas lageas na rua, sem que um conhecido nos assalte: — «Mas o que quer o *blóco*?» E mal um cristão arranca o troco da sacola, lançando ao acaso: — «Comer... dar um susto ao reininho... governar...» outro açodado nos aborda d'esguelha com o mesmo gatilho pronto a bater: — «E que lhe parece o *blóco*?»

«Pois excelente. Aquillo é marmore alabastrino!»

Abrem-se as gazetas e logo fervem os estadulhos sobre o *blóco*. Abanca-se a uma cerveja, e na espuma lá boia o *blóco* a enxurdar o ambar da bebida.

Mas, senhores meus, o *blóco* nas vespas de o ser já o era. O partido progressista e as frações politicas que nelle se integraram, antes do batismo pomposo passeavam juntas, partilhavam mutuamente o pão e o sal, umas ás outras se defendiam, e como irmãos siamezes se amaltavam.

Ficaram fóra do *blóco*, os que de fóra estavam: teixeiristas,

dissidentes progressistas, e dissidentes franquistas. O excelso Beirão por quem nunca oferecemos um ochavo, tinha estacas nas quatro joldas de comborças atualmente em safismo delirante.

Ganhou alguma coisa o *blóco* com a participação ás potências da sua constituição soberana? A fuga da mór parte dos henriquistas que por melhor tiveram ser martelo, que bigorna. Outros ainda abandonarão as tulhas vasiaas do franquismo ortodoxo, pois não ha convicção que resista a uma temporada de sêca.

De maneira que o *blóco* hoje quer, o que antes queria: — Estender o Credito Predial ao paiz inteiro. Fazer disto uma grande sacristia com tronco onde os outros metessem, e elles tirassem.

Curioso investigador rubricou nesta apreciação, um erro de gravidade. Que o *blóco* possuia hoje algo mais que d'antes tinha.

— Que me diz? — anciei.

— Então não vê? O Julio de Vilhena!

*

* * *

E não, não via! O snr. Julio de Vilhena é um homem que emprega os descansos a exercitar se em rompantes, sem que ninguém o enxergue. E' um gigante invisível, uma larva de genio, um colosso que estacou na crecença a tres terços da altura. Tres terços, nem mais unha, nem linha a menos!

Ha com tudo uma faceta da sua personalidade que o guinda acima da craveira do vulgo. S. Ex.^a é um grande humorista, um humorista sublime, um transcendente humorista!

Vae em cinco ou seis annos, S. Ex.^a que raras vezes desfranzia as prégas da bôca facunda na camara das classes sexagenarias, salmodeou o seu memorial para Messias com programa de redenção. E recamou d'elogios as superiores qualidades do Hintze, mais a honrada capacidade governativa de José Luciano, mais a combatividade ardente do sr. Alpoim, mais a competen-

cia em fio de rebuçado do sr. Jacinto Candido, mais as promessas do franquismo, mais os talentos e valia dos dignos pares independentes!

A ninguem perdoou no *autem genuit* dos gabos; foi rifa com premios mesmo aos que não jogaram. Dos vivos arremeteu aos mortos. Pindarisou Fontes e Antonio de Serpa, findando em pranto e soluço na tampa do feretro de Lopo Vaz, de quem se humilhou discipulo!

Um Messias da escola de Lopo Vaz de Sampaio e Melo, o marco miliario que consigna o inicio da monarquia neo-absolutista!

Houve quem o zurzisse por esse paiz além. Eu bati. Pata-ratas! S. Ex.^a ria-se, S. Ex.^a bufoneava, S. Ex.^a comprasia-se no seu peculiar humorismo.

*

* *

Pero los regeneradores, faltos de hombres, lo eligieram jefe, assim no *Heraldo de Madrid* (15, fevereiro, 908), Luis Morote prefaciava uma entrevista do sr. Julio de Vilhena. E, chefe eleito, se dirigiu a D. Carlos, rogando-lhe que expulsasse o ditador João Franco, e sobre Julio descarregasse as redeas da publica jumenta da governação. Negou-se o rei á muda de tiro.

Logo Vilhena, humorista nos lances macabros, explicou que *al rey le habia sorbido el seso Juan Franco*.

Regicidio. Ministerio Ferreira do Amaral, e a conspirata palaciana que o deitou a terra. Vilhena entra no assalto para conquistar o poder, e com amarujado travor para a sua veia comica, viu que outrem lhe arrebatava a fatia apetecida. Então envinagrou-se. Pegou fogo ao rastilho, com geitos de embetegar o Atlantico pelas maxilas; mas nem Paço nem povo, que já lhe conheciam a fantasia burlona, o tomaram a serio. Era polvora molhada.

E renovou-se o lance em que dessa vez lhe tocava a sor-

te, se... se a sorte não amasse também sorrir-se dos grandes humoristas.

Duas vezes falho, o sr. Vilhena golpeou a purpura das grandezas, abdicou a chefia num ademan de nobre repulsa, e voltou as velas sobre o amplo mar da desilusão, crendo-se um sabio porque a tempo soubera abandonar o tablado.

*

* *

Chegava aos outros a vez de sorrir. Batem, semanas ha, ao portão do humorista! Elrei que chama o Messias. Prestes se avi-sinha a gloria... que apenas segundos dura, pois que Elrei, menino e moço, ao velho conselheiro discorre:— «Quem o manda acreditar nos fedelhos coroados? Um principe se aleita de malicia desde o berço. Adeus velhote. Quando me fôr preciso outro biombo por 24 horas, lá volto!»

Em tempos, e no citado *Heraldo de Madrid* se encontra a opinião do humorista Vilhena, a respeito dos franquistas:

O franquismo constituia uma enfermidade nacional, uma peste, uma *colera-morbus* asiatica. Cada franquista trazia o rei na barriga, e julgando-se super-homem tratava de ciscalho a humanidade inteira. Era inutil, sujeito a disputas e brigas desagradaveis, discutir com um franquista. Ou calar, ou cascar-lhe (*pegarle*), e apalpar-lhe os lombos equivalia a crime de lesa-majestade, porque a unica majestade do paiz era João Franco, com tassalhos de augusta soberania em cada franquista.

Situação insuportavel, aborrida, não só para a dignidade coletiva, mas para a honra pessoal do cidadão.

Sempre, sempre com o sorriso das graças aninhado nas cantoneiras dos labios, ahi vae Vilhena, humorista inofensivo, acotovelando franquistas no cirio da Anadia. E José Luciano explica:

— «E' sina delle! Nasceu para que ninguem o tome a serio. Tragam-no depressa. Mas hão-de concordar em que é insosito. E que não lhe esqueça a lira.»

Erro crasso. Vilhena não é um bardo. E' um humorista p'ra dentro. Anda a rir-se de si proprio.

*

*

*

Ora este *blóco* que finge aguçar os colmilhos para esfarrapar Teixeira de Souza que em nada o ameaça, ha-de em breve cair-lhe nos braços, pelo odio á liberdade, traço de união dos governos da monarchia.

E nós não esquecemos, nós não podemos esquecer a confiança de Teixeira de Souza ao seu amigo e influente trasmontano, seu deputado e homem ligio, que a divulgou :

— *Os republicanos hão-de conservar-se quietos e socegados. Se bulirem, vou mais longe na repressão do que nenhum dos governos passados.*

Vagamundeia pela regiões palatinas, a alma leprosa de João Franco. Que Teixeira de Souza a recolha, ou que outro qualquer a despose, nunca os republicanos se deterão sem a Republica expulsar da nossa terra essa dinastia de perversos ou de ineptos.

